

**SACCO, Joe**

Palestina. Uma nação ocupada.

São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2000

**Uma olhar diferente sobre a Palestina ocupada***Jorge M. Davidson*

Já faz algum tempo que as histórias em quadrinhos deixaram de ser consideradas como um gênero menor e vêm conquistando um lugar merecido no mundo acadêmico. Afinal, trata-se de um suporte privilegiado para contar histórias, utilizando, de forma combinada, textos e desenhos; uma possibilidade de criar uma dinâmica narrativa original, uma nova linguagem. É disto que trata o livro de Joe Sacco, de contar algumas das histórias individuais que dão forma à realidade do povo Palestino, seus problemas internos, seu sofrimento, suas conquistas e sonhos ao longo dos últimos cinquenta anos.

Se alguém ainda duvida da possibilidade de contar um problema real e complexo através de um *comic*, é bom lembrar que a seriedade e o interesse da história vão além do suporte (como já foi provado, por exemplo, na obra de Art Spiegelman, Maus), e que a crítica a que deve submeter-se a história em quadrinhos não dista muito daquela a que se submete, por exemplo, um trabalho fotojornalístico, um livro ou um artigo de jornal. Ainda mais se considerarmos que a forma com que Joe Sacco conta a história constitui um elemento essencial e altamente atrativo, tanto pela qualidade dos desenhos, como pela originalidade e inteligência com que costura os diversos relatos. Assim, cada capítulo vai sendo construído por pequenas histórias que raramente aparecem na mídia, relatos pessoais e fatos vivenciados pelos protagonistas, que

são, além do próprio autor, os palestinos que andam pelas ruas de Ramallah, que viajam de táxi para Jerusalém e tomam chá nos cafés de Nablus. Os fatos históricos também estão presentes no livro, como quando se narra a divisão da Palestina ou as consequências do Relatório Landau (em que se denunciou, na justiça israelense, a prática de torturas nos interrogatórios de palestinos presos).

A partir de uma conversa informal num bar do Cairo, Sacco dá início a uma viagem pelo conflito no Oriente Médio, inserindo a si próprio na história e mudando o seu olhar na medida em que se envolve no cotidiano dos territórios ocupados. Em sua primeira viagem a Cisjordânia, um palestino vai apresentando ao jornalista americano (o próprio Sacco) um grupo de pessoas, de forma bem particular. *"-Este aqui"* - disse colocando a mão no ombro de um menino de uns dez anos - *"pai na cadeia. Quanto tempo na cadeia? Quatro anos! -Este aqui"* - aponta um velho que vai deixando o quadro - *"filho morto pelos soldados! Ele não quer parar? Tudo bem - Este aqui: filho na cadeia! - Este aqui: dois filhos na cadeia."* É assim que vão tomando forma as pequenas e grandes humilhações diárias: as exigências de apresentar documentos a todo momento; as detenções para interrogatórios; as pessoas enviadas para cadeia sem provas; os mortos; as torturas físicas e morais; as ocupações de terras pelos colonos dos assentamentos; a falta de horizonte; a constante sensação de tensão (como diz um soldado israelense apontando os territórios anexados desde os baluartes da muralha de Jerusalém, *"tem sempre algo acontecendo"*). Aos poucos, vai se revelando o significado da ocupação, a sua lógica de terror e injustiça.

Nos primeiros quatro anos da intifada, os israelenses cortaram 120 mil árvores por "razões de segurança". *"A oliveira é a nossa principal fonte de sobrevivência....*

*nós usamos o óleo para nossa comida e compramos nossas roupas com o óleo que vendemos...*", conta um velho na sala da sua casa -*"Os israelenses sabem que uma oliveira é como um filho... precisa de muitos anos para crescer."* Em seguida, relata que um coquetel *molotov* ou umas pedras foram atiradas no seu campo. Os soldados vieram e mandaram colocar uma cerca de arame farpado. Caso contrário, eles derrubariam as árvores. *"Eu não tinha dinheiro para a cerca..."*, conta o velho, *"no final, obrigaram-me a derrubar as árvores eu mesmo. Os soldados trouxeram uma serra e assistiram...Eu estava chorando ...senti como se estivesse matando um filho..."*.

Também aparecem na história outros elementos que dão conta da complexidade do quadro, os *refuzniks* (soldados que se negam a prestar serviço nos territórios ocupados), os ativistas israelenses do movimento Paz Agora e até a situação da mulher na sociedade palestina. No meio da tragédia, ainda existe espaço para o humor, como quando um palestino se desculpa com Sacco e seu acompanhante: *"Desculpem-me, não tem chá hoje... nem tomei café da manhã... uma das minhas esposas está doente, a outra está visitando os pais... acho que vou ter que sair e arranjar outra mulher"*. E a resposta de Sacco: *"Se você se casar com ela dentro de uma hora, talvez ainda tenha almoço."*

Utilizando a linguagem da história em quadrinhos para criar, através da repetição, a atmosfera de uma época, *Palestina, uma nação ocupada* consegue oferecer uma visão diferente de um conflito em que a construção da memória e a montagem do quadro geral não podem nem devem ser deixadas nas mãos da grande mídia.